

Notas e informações

José Sarney

O presidente e a realidade

O jantar do presidente da República com os governadores eleitos do PMDB, no qual se debateu a situação do País, mostra que a crise econômica é grave e que, nas altas esferas governamentais, se teme que possa ter desdobramentos políticos. Aliás, o próprio presidente da República é o primeiro a proclamar que se trabalha para desestabilizar o seu governo. Mesmo assim, o sr. José Sarney insiste em dizer que a crise não existe.

Toda vez que esboça o retrato otimista do Brasil, com base em alguns fatos positivos da atualidade, o presidente parece esquecer-se das funestas consequências de sua voluntaria interferência sobre os fatos no passado, quando usou e abusou dos decretos-leis e impôs a sua vontade à economia. Como, em fevereiro de 1986, pôde impedir a potenciação da marcha inflacionária, supõe s.ex., que amanhã será possível proceder de igual maneira: é só baixar outro decreto-lei e a inflação que, em janeiro, se prevê de dois dígitos, voltará a zero. Porque cresceu a oferta de empregos, julga s.ex., que poderá impedir a crise da balança comercial e a do balanço de pagamentos desafiando o FMI e sem adotar medidas heróicas. O Brasil que o presidente vê é o de sua imaginação. O que a Nação vê, porém, é outro.

No plano político, o cidadão de bom senso começa a perceber que o presidente — ilhado em Brasília e cercado de maribondos e amigos desejosos de não perder o privilégio da companhia real (pois o primeiro mandatário reina numa corte barroca instalada em Brasília) — já não mais conhece o Brasil que o senador Sarney tão bem sabia ler nas suas andanças de político calejado.

Ao voltar de Itaipu, o chefe de governo teve oportunidade de tecer para

nossa colaborador Bartolomeu Rodrigues uma série de considerações sobre o Brasil. É o Brasil que sua vontade o leva a ver, não o que a percepção lhe deveria mostrar. Não apenas a nós, mas a todos os que leram a entrevista, chocou o fato de o presidente da República não haver visto grevistas em Itaipu, e só perceber aplausos, por onde anda. Previa-se, disse s.ex., uma alarmante greve dos empregados das construtoras de barragens. Nada disso houve — donde, conclusão a que chegou s.ex., se trabalha conscientemente para mostrar realidade que não existe.

O presidente poderia ter negado qualquer outro fato — até mesmo o que se refere às taxas de juro, enormemente altas. A greve em Itaipu, não, porque era fato de que não poderia deixar de estar informado; se o chefe de governo não viu grevistas, é outra coisa. Não os viu porque para impedir que os dois chefes de Estado, e um ex-presidente, o general Ernesto Geisel, tivessem o desabrochar de defrontar-se com faixas reclamando não contra os governos brasileiro e paraguaio, mas contra as construtoras, o Exército mobilizou infantaria e tanques e encarregou-se de fazer que no espaço visual do presidente Sarney não houvesse grevistas.

Atente o presidente, se ainda é possível fazer s.ex. admitir a possibilidade de que o mundo que vê não é o que existe, para esse fato: o Exército afastou de seu campo visual os grevistas. Nem por isso eliminou a greve da realidade! Se assim foi em Itaipu, pode-se imaginar quantas coisas os ministros, os assessores mais íntimos do presidente poderão subtrair ao seu conhecimento. Terá, s.ex., condições de estar informado corretamente sobre o que acontece, ou receberá apenas as informações que alguns auxiliares seus lhe fornecem? Lerá, s.ex., jornais e revis-

tas? Ou ouvirá apenas TV, no canal em que as más notícias não são dadas para não criar aspectos psicológicos negativos, que desagradam também o general Leônidas Pires Gonçalves? Em suma, como — isto é, com base em que informações — o presidente José Sarney governa o Brasil? Apoiado nas informações do amigo que lhe diz que os juros não estão tão altos, quando em alguns Estados chegaram a estar mais altos do que a média anunciada nos grandes centros, ou na dos gerentes dos bancos ou dos empresários?

A visão do mundo do presidente Sarney é extremamente estressante — perdoem-nos o neologismo, aliás jáкционizado. É agressiva à harmonia de seu ser físico e espiritual, porque contraditória — antes de dizer a nosso repórter que este é um país em progresso e sem problemas, o presidente manda seus ministros convencer os governadores da necessidade de eles apoiarem o que está por vir, e ele próprio lhes pedira aceitar a coragem das graves decisões (ainda que em troca de mais um ataque aos “ricos”). Nesta semana ou na próxima, s.ex. deverá baixar uma série de medidas que, espera mais uma vez, irão impedir a explosão da crise que está armada sob sua cadeira no Palácio do Planalto. Em outras palavras, o presidente da República vê um mundo cor-de-rosa, mas assina decretos-leis para impedir que o cinza se transforme em negro.

Gostaríamos que o Brasil fosse aquele país que o presidente Sarney vê. Infelizmente, os próprios atos de s.ex., bem como a proclamação, pelos governadores do PMDB, de que a corrupção voltou e a inflação se agiganta, levam-nos a aceitar, como mais próxima da realidade, a visão que, de sua pobre terra, têm milhões de brasileiros.